

O PATHOS DO ENUNCIATÁRIO

José Luiz FIORIN¹

- RESUMO: Este trabalho parte da idéia de que o enunciatário é tão produtor do discurso quanto o enunciador, dado que este produz o texto para uma imagem daquele, que determina as diferentes escolhas enunciativas, conscientes ou inconscientes, presentes no enunciado. Essa imagem do enunciatário é um ator e não um actante da enunciação. Este trabalho mostra como é construído esse leitor implícito e o que determina a eficácia de um discurso.
- PALAVRAS-CHAVE: Enunciador; enunciatário; ator da enunciação.

Benveniste (1995) mostra que a enunciação é a instância do *ego, hic et nunc*. O *eu* é instaurado no ato de dizer: *eu* é quem diz *eu*. A pessoa a quem o *eu* se dirige é estabelecida como *tu*. O *eu* e o *tu* são os actantes da enunciação, os participantes da ação enunciativa. Ambos constituem o sujeito da enunciação, porque o primeiro produz o enunciado e o segundo, funcionando como uma espécie de filtro, é levado em consideração pelo *eu* na construção do enunciado. O *eu* realiza o ato de dizer num determinado tempo e num dado espaço. *Aqui* é o espaço do *eu*, a partir do qual todos os espaços são ordenados (*aí, lá* etc.); *agora* é o momento em que o *eu* toma a palavra e, a partir dele, toda a temporalidade lingüística é organizada. A enunciação é a instância que povoa o enunciado de pessoas, de tempos e de espaços.

O mecanismo básico com que se instauram no texto pessoas, tempos e espaços é a debreagem. Ela pode ser de dois tipos: a enunciativa e a enunciva. A primeira projetada no enunciado o *eu-aqui-agora* da enunciação, ou seja, instala no interior do enunciado os actantes enunciativos (*eu/tu*), os espaços enunciativos (*aqui, aí* etc.) e os tempos enunciativos (presente, pretérito perfeito 1, futuro do presente).² A debreagem enunciva constrói-se com o *ele, o alhures* e o *então*, o que significa que, nesse caso,

¹ Departamento de Lingüística – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – USP – 05508-900 – São Paulo – SP – Brasil. E-mail: fl@usp.br.

² Chamamos pretérito perfeito 1 a forma verbal que indica anterioridade ao momento da enunciação e pretérito perfeito 2 a forma que assinala a concomitância a um marco temporal pretérito.

ocultam-se os actantes, os espaços e os tempos da enunciação. O enunciado é então construído com os actantes do enunciado (3ª pessoa), os espaços do enunciado (aqueles que não estão relacionados ao *aqui*) e os tempos do enunciado (pretérito perfeito 2, pretérito imperfeito, pretérito mais que perfeito, futuro do pretérito ou presente do futuro, futuro anterior e futuro do futuro³). A debreagem enunciativa produz, basicamente, um efeito de sentido de subjetividade, enquanto a enunciva gera, fundamentalmente, um efeito de sentido de objetividade. Como se vê, a enunciação deixa marcas no enunciado e, com elas, pode-se reconstruir o ato enunciativo. Este não é da ordem do inefável, mas é tão material quanto o enunciado, na medida em que ele se enuncia. Podemos distinguir, pois, nos textos a enunciação enunciada e o enunciado enunciado. Aquela é o conjunto de elementos lingüísticos que indica as pessoas, os espaços e os tempos da enunciação, bem como todas as avaliações, julgamentos, pontos de vista que são de responsabilidade do *eu*, revelados por adjetivos, substantivos, verbos etc. O enunciado enunciado é o produto da enunciação despido das marcas enunciativas (GREIMAS; COURTÈS, 1979; FIORIN, 1996).

A enunciação é a instância lingüística logicamente pressuposta pela existência do enunciado. Isso significa que um enunciado como *Não há rosas sem espinhos* pressupõe um *Eu digo* (*Não há rosas sem espinhos*). Essa afirmação parece um truísmo, já que, se existe um dito, há um dizer que o produziu. No entanto, ela é prenhe de conseqüências teóricas. Quando se projeta um *eu* no interior do enunciado, de tal forma que se diga *Eu digo que não há rosas sem espinhos*, haverá ainda assim uma instância pressuposta que terá produzido esse enunciado: *Eu digo* (*Eu digo que não há rosas sem espinhos*). Isso implica que é preciso distinguir duas instâncias: o *eu* pressuposto e o *eu* projetado no interior do enunciado. Teoricamente, essas duas instâncias não se confundem: a do *eu* pressuposto é a do enunciador e a do *eu* projetado no interior do enunciado é a do narrador. Como a cada *eu* corresponde um *tu*, há um *tu* pressuposto, o enunciatário, e um *tu* projetado no interior do enunciado, o narratário. Além disso, o narrador pode dar a palavra a personagens, que falam em discurso direto, instaurando-se então como *eu* e estabelecendo aqueles com quem elas falam como *tu*. Nesse nível, temos o interlocutor e o interlocutário.

O enunciador e o enunciatário são o autor e o leitor. Cabe, porém, uma advertência: não são o autor e o leitor reais, de carne e osso, mas o autor e o leitor implícitos, ou seja, uma imagem do autor e uma do leitor construídas pelo texto.

Quando falamos em *eu* e *tu*, falamos em actantes da enunciação, ou seja, em posições dentro da cena enunciativa, aquele que fala e aquele com quem se fala. No entanto, nos diferentes textos, essas posições são concretizadas e esses actantes tornam-se atores da enunciação. O ator é uma concretização temático-figurativa do

³ Presente do futuro é a forma verbal que indica uma concomitância a um marco temporal futuro, futuro anterior é a forma que assinala anterioridade a um marco temporal futuro e futuro do futuro é a forma que marca uma posterioridade a um marco temporal futuro.

actante (GREIMAS; COURTÈS, 1979). Por exemplo, o enunciador é sempre um *eu*, mas, no texto *Memórias póstumas de Brás Cubas*, esse *eu* é concretizado no ator *Machado de Assis* (1979). Nunca é demais insistir que não se trata do Machado real, de carne e osso, mas de uma imagem do Machado produzida pelo texto. Com frequência, afirma-se que Machado é cínico e cético. No entanto, esse cinismo e esse ceticismo são efeitos do discurso. É o Machado construído pelo discurso que tem essas características.

Este trabalho tem o propósito de analisar como se constrói a imagem do enunciatário, isto é, este ator da enunciação, que não é uma instância abstrata e universal, o *tu*, pressuposta pela existência do enunciado. Ao contrário, é uma imagem concreta a que se destina o discurso. Por outro lado, é preciso considerar que o enunciatário não é um ser passivo, que apenas recebe as informações produzidas pelo enunciador, mas é um produtor do discurso, que constrói, interpreta, avalia, compartilha ou rejeita significações.

Para pensar o enunciatário como ator da enunciação, vamos voltar à *Retórica*, de Aristóteles. Num ato de comunicação, três elementos acham-se envolvidos: o orador, o auditório e o discurso, ou, em outros termos, o *ethos*, o *pathos* e o *logos*. Atualmente, poder-se-ia dizer que, num ato comunicativo, há uma relação entre três instâncias: o enunciador, o enunciatário e o discurso.

Mostra o Estagirita que os argumentos válidos para certos auditórios deixam de sê-lo para outros; os argumentos válidos em certos momentos não o são em outros; os argumentos válidos em determinados lugares não atingem o resultado esperado em outros. O orador, portanto, para construir seu discurso, precisa conhecer seu auditório. Mas conhecer o quê? O *pathos* ou o estado de espírito do auditório. O *pathos* é a disposição do sujeito para ser isto ou aquilo. Por conseguinte, bem argumentar implica conhecer o que move ou comove o auditório a que o orador se destina. (I, II, 1356a). Aristóteles trata longamente das paixões que movem o auditório no livro II da *Retórica*. Cícero, no *De oratore*, afirma: "...nobis tamen, qui in hoc populo foroque uersamus, satis est, ea de moribus hominum et scire et dicere quae non abhorrent ab hominum moribus" (I, 219)⁴. Por essa razão, assim o romano define as qualidades do orador: "Acuto homine nobis opus est, et natura usuque callido, qui sagaciter peruestiget, quid sui ciues, quibus aliquid dicendo persuadere uelit, cogitent, sentiant, opinentur, expectent" (I, 223).⁵

O *pathos* não é a disposição real do auditório, mas a de uma imagem que o enunciador tem do enunciatário. Essa imagem estabelece coerções para o discurso: por exemplo, é diferente falar para um auditório de leigos ou de especialistas, para um adulto ou uma criança. Nesse sentido, o auditório, o enunciatário, o *target*, como dizem os publicitários, faz parte do sujeito da enunciação; é produtor do discurso, na

⁴ " Para nós que nos ocupamos desse povo e do foro, basta conhecer os costumes das pessoas e dizer aquelas coisas que não contrariam a opinião delas" (tradução nossa).

⁵ "É necessário um homem agudo, hábil por natureza e experiência, que tenha uma sagaz percepção do que pensam, sentem, opinam e esperam seus cidadãos e aqueles a quem deseja persuadir pelo seu discurso" (tradução nossa).

medida em que determina escolhas lingüísticas do enunciador. Evidentemente, essas escolhas não são necessariamente conscientes.

A imagem do enunciatário é um papel temático, que é composto de uma complexa rede de relações. Cícero diz que o orador precisa saber o que pensam (*cogitent*), sentem (*sentiant*), opinam (*opinentur*), esperam (*expectent*) aqueles a quem se deseja persuadir. Isso quer dizer que essa imagem, consubstanciada num papel temático, tem uma dimensão cognitiva: de um lado, ideológica, da ordem do saber (*cogitent*), de outro, da ordem do crer (*opinentur*); uma dimensão patêmica (*sentiant*) e uma dimensão perceptiva (*expectent*).

O Presidente Lula parece ter uma percepção muito aguda da imagem do enunciatário a quem se dirige. Num de seus discursos sobre as reformas da previdência afirmou que não era justo que uma procuradora ou uma professora universitária se aposentasse aos quarenta e oito anos, enquanto uma cortadora de cana se aposenta aos sessenta anos. Disse que iria mudar essa situação. O enunciatário poderia ser tematizado como o *povão*, que é constituído de uma rede de relações semânticas: percebe a sociedade brasileira como um lugar de privilégios e injustiças, sente revolta diante desse estado de coisas e espera um salvador que mude essa situação. Por isso, o *ethos* do enunciador construído no discurso presidencial é o de um salvador, de um redentor. Daí o tom messiânico de seu discurso: é ele quem vai reparar as injustiças. Não existe, nesse discurso, a mediação democrática do Congresso Nacional; as mudanças dar-se-ão pela vontade do presidente. Em 2003, em Pelotas, o Presidente afirmou⁶: “Quando casei, engravidei minha galega na primeira noite...porque pernambucano não deixa por menos”. O *ethos* do macho, que associa desempenho sexual à valentia, à coragem; que se apresenta como o homem simples e sincero, dirige-se a um enunciatário, cujo *pathos* tem o mesmo perfil. Se o *pathos* constrói a imagem do enunciatário, o *ethos* constrói a do enunciador.⁷

Vejam, de maneira rápida, apenas à guisa de ilustração, como os jornais *O Estado de S. Paulo* e *Folha de S. Paulo* constroem seus enunciatários. Este tem textos menores do que aquele, tem mais fotos e fotos maiores e tem páginas menos compactas. Apresenta uma seção internacional menos densa. Exibe, com grande frequência, quadros azuis, em que são explicados os antecedentes da notícia que está sendo dada, e parênteses explicativos para as siglas apresentadas: por exemplo, CPI (Comissão Parlamentar de Inquérito); TCU (Tribunal de Contas da União), TST (Tribunal Superior do Trabalho). Os textos são escritos no que se poderia chamar a norma culta real. Os períodos dos textos não são muito longos. Dá mais espaço do que o *Estado* para a cultura e as diversões, apresentando, com muita frequência, movimentos culturais alternativos. Tem um *ombudsman* que, aos domingos, apresenta críticas, às vezes bastante

⁶ Em solenidade por ele presidida.

⁷ Tratamos da construção do *ethos* do enunciador em artigo que será publicado num livro organizado por Arnaldo Cortina e Renata Marchezan.

duras, ao jornal. Na página dos editoriais, apresenta, além de uma charge, artigos de cronistas sediados no Rio, em São Paulo e em Brasília e artigos de colaboradores variáveis. Já o *Estadão* apresenta textos maiores do que os da *Folha* e tem páginas mais compactas. Sua seção internacional e seu caderno de Economia são mais densos do que os da *Folha*. Traz menos explicações dos antecedentes das notícias e os parênteses explicativos aparecem apenas em situações excepcionais. Os textos são escritos no que se poderia denominar a norma culta escolar. Os períodos são mais longos e a sintaxe, mais complexa. Seu caderno de cultura dá mais espaço à cultura erudita e à cultura popular tida como mais sofisticada. Não tem *ombudsman* e sua página de editoriais apresenta somente a posição do jornal e as cartas dos leitores. Seus editoriais são com mais frequência modalizados pela certeza, enquanto a *Folha* modula, com frequência, seus pontos de vista pela contigência (exemplo típico disso é apresentar um assunto, sob a forma de uma interrogação, que é respondida por três articulistas: um responde afirmativamente; outro, negativamente; outro, em termos). Poderíamos continuar a enumerar diferenças entre os dois jornais. No entanto, essas bastam para pensarmos na imagem do enunciatário construída por esses órgãos da imprensa.

O enunciatário do *Estadão* é um homem que pertence às elites do país, que conhece bem os fatos da política e da economia, para quem, portanto, não é preciso, a todo momento, explicar os antecedentes das notícias, o papel exercido por determinadas personalidades citadas nos textos e o significado das siglas de órgãos governamentais. É um consumidor da cultura erudita e das manifestações consideradas mais sofisticadas da cultura popular. Esse homem tem posições políticas bem definidas, é conservador em matéria de economia e política. É cheio de certezas e, portanto, o jornal pode apresentar-se com posições bem marcadas, enfatizando menos a relatividade e a pluralidade de opiniões. Para ele, a leitura é o meio mais importante de obtenção de informações. Já o enunciatário da *Folha* é o descolado (artistas, professores universitários etc.), que tem interesses muito variados. Não é que não se interesse pela política, mas seu interesse por ela é relativo. Por isso, não conhece todos os órgãos governamentais, nem todos os atores da política ou da economia nacionais. Interessa-se apenas pelas grandes questões da política internacional. É um consumidor de todas as manifestações culturais, entre elas as alternativas. Tem curiosidade pelas matérias relativas ao comportamento (veja-se, por exemplo, a pauta da *Revista da Folha*). Não se informa apenas pelos jornais e, por isso, não dedica muito tempo a sua leitura. É pluralista. Para o leitor do *Estadão*, o mundo é objeto do conhecimento e campo de ação; para o leitor da *Folha*, o mundo é objeto de contemplação. O tom do primeiro é viril, educado, sério, peremptório; o do segundo é levemente *blasé* tingido por uma certa ironia.

Como se vê, cada um dos jornais constrói seu público, seu leitor, a partir de características discursivas. Essa imagem do enunciatário passa a ser um co-enunciador, na medida em que ela determina a escolha das matérias que entrarão no jornal, a forma como os textos são redigidos, a disposição da página etc. Por outro lado, o enunciatá-

rio adere ao discurso, porque nele se vê constituído como sujeito, identificando-se com um dado *éthos* do enunciador.

A eficácia do discurso ocorre quando o enunciatário incorpora o *ethos* do enunciador. Essa incorporação pode ser harmônica, quando *ethos* e *pathos* ajustam-se perfeitamente (é o caso do enunciatário da *Folha* ou do *Estado*) ou complementar (quando o *ethos* responde a uma carência do *pathos* (é o caso dos manuais de auto-ajuda, em que a um enunciatário inseguro, confuso, que busca segurança, corresponde um enunciador cheio de certezas). O Ministro da Justiça Márcio Tomás Bastos afirmou que era uma afronta à Prefeita de São Paulo jogar uma galinha sobre ela, como fizeram alguns estudantes da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, da mesma forma como seria afrontoso jogar um veado sobre um homem. Ele teve, depois de variados protestos, que pedir desculpas pela infelicidade de sua frase, porque ela revelava preconceito contra os homossexuais. Evidentemente, ele se dirigiu a um enunciatário que não admite esse tipo de preconceito e, portanto, seu discurso não foi eficaz.

A eficácia discursiva está diretamente ligada à questão da adesão do enunciatário ao discurso. O enunciatário não adere ao discurso apenas porque ele é apresentado como um conjunto de idéias que expressam seus possíveis interesses, mas, sim, porque se identifica com um dado sujeito da enunciação, com um caráter, com um corpo, com um tom. Assim, o discurso não é apenas um conteúdo, mas também um modo de dizer, que constrói os sujeitos da enunciação. O discurso, ao construir um enunciador, constrói também seu correlato, o enunciatário.

Como já se disse, o *eu* sempre se dirige a um *tu* e, portanto, a cada instância da enunciação, em que um actante diz *eu*, corresponde um *tu*. Ao enunciador está em correlação o enunciatário; ao narrador, o narratário; ao interlocutor, o interlocutário. O enunciatário é o leitor, mas não o leitor real e sim um leitor ideal, uma imagem de um leitor produzida pelo discurso. Surge uma questão: como diferenciar a imagem do enunciatário da imagem do narratário? O narratário é a instância a quem se dirige o narrador, enquanto o enunciatário é aquela a quem se endereça o enunciador. Isso quer dizer que, num texto singular, encontra-se a imagem do narratário, seja ele explícito ou implícito, enquanto numa totalidade discursiva, recortada para os fins da análise, constrói-se a imagem do enunciatário. Essa distinção remete à possibilidade de uma diferença entre as duas imagens. Tomemos um texto de Machado de Assis, para ver esse fato:

Começo a arrepender-me deste livro. Não que ele me canse; eu não tenho o que fazer; e, realmente, expedir alguns magros capítulos para esse mundo sempre é tarefa que distrai um pouco da eternidade. Mas o livro é enfadonho, cheira a sepulcro, traz certa contração cadavérica; vício grave, e aliás infimo, porque o maior defeito deste livro és tu, leitor. Tu tens pressa de envelhecer, e o livro anda devagar; tu amas a narração direta e nutrida, o estilo regular e fluente, e este livro e meu estilo são como ébrios, guinam à direita e à esquerda, andam e param, resmungam, urram, gargalham, ameaçam o céu, escorregam e caem [...] (ASSIS, 1979, p. 583).

Temos, no texto acima, um narrador e um narratário explícitos. A imagem do narratário é determinada pelo narrador: um leitor comum de romances, que aprecia a narração direta e nutrida (os fatos) e um estilo regular e fluente. O narratário é um leitor dos romances românticos e realistas, em que havia uma linearidade narrativa e não digressões e comentários do narrador. No entanto, se tomarmos a obra inteira de Machado e não essa intervenção pontual do narrador, vamos observar que a imagem do enunciatário criado pelo fato de que, na obra machadiana, mais importante que o narrado é a narração, dado que o texto em sua totalidade é um virtuosismo enunciativo, é diferente da desse narratário: é um leitor sofisticado, que não se contenta com as narrativas feitas até então e que se encanta com a intervenção do narrador a invadir o narrado e a tomar-lhe o lugar.

Onde se encontram, na materialidade discursiva da totalidade, as marcas do *páthos* do enunciatário? Dentro dessa totalidade, procuram-se recorrências em qualquer elemento composicional do discurso ou do texto: na escolha do assunto, na construção das personagens, nos gêneros escolhidos, no nível de linguagem usado, no ritmo, na figurativização, na escolha dos temas, nas isotopias etc. Em outras palavras, as marcas da presença do enunciatário não se encontram no enunciado (o dito), mas na enunciação enunciada, isto é, nas marcas deixadas pela enunciação no enunciado (o dizer).

Analisemos mais detidamente dois programas de televisão, o do Ratinho e o da Hebe Camargo⁸, para examinar a eficácia de seu discurso. Como mostramos acima, não se trata de buscar a imagem do enunciatário num programa específico, mas no programa visto como uma totalidade.

O programa do Ratinho tem, basicamente, duas vertentes: uma, que se poderia chamar jornalística e de serviços, e outra, em que se apresentam atrações artísticas. Os serviços prestados pelo programa são realização de exames de DNA para determinação de paternidade, busca de familiares que não se sabe onde estão, ajuda para que a pessoa possa começar um pequeno negócio ou realizar um sonho. As notícias são aquelas bastante "bizarras", que mostram a "miséria humana": fatos policiais, brigas familiares, comportamentos sexuais minoritários (ou não tão minoritários assim), doenças estranhas, fenômenos paranormais. As notícias mostram tudo o que é "extravagante" e trágico na vida privada. Quando se fala de política, fala-se apenas daquilo que atinge direta e imediatamente o telespectador: aumento da contribuição do INSS, criação da taxa de lixo e de iluminação etc. Trata-se de notícias mais do âmbito privado do que do público. No que diz respeito às atrações artísticas, apresenta-se aquilo que é considerado brega: cantores sertanejos, cantores da "dor de cotovelo" etc.

O estilo do apresentador é escrachado e politicamente incorreto. Dois exemplos mostram isso. Comentando o casamento da Prefeita de São Paulo, disse que, durante o almoço da festa, foi servido picadinho de carne. Afirmou que, se tivesse sido convidado, daria a ela um presente muito bom, como uma baixela de prata ou um serviço

⁸ Dois populares apresentadores de televisão.

de jantar de porcelana, e que, portanto, não admitiria que servissem picadinho a ele. Ridicularizou o cardápio, um almoço de comidas tradicionais de fazenda. Como se observa, o apresentador faz derisão do estilo de vida das classes altas e exalta um estilo de vida popularesco, em que se busca um certo "luxo". Afinal, como dizia Joãozinho Trinta⁹, quem gosta de pobreza é intelectual. Por outro lado, seu estilo é politicamente incorreto: por exemplo, um homossexual que foi reclamar que seu parceiro era sexualmente insaciável foi objeto de todos os tipos de brincadeiras; as histórias das pessoas que vão pedir exame de DNA para comprovação de paternidade são representadas sob o modo da escárnio; permite-se e incentiva-se que as mulheres que acompanham o homem que vai ser submetido a exame para comprovação de paternidade briguem entre si e, portanto, sejam apresentadas como desequilibradas, enquanto o homem fica olhando e um voz em *off* diz: e o bonitão nem aí. Muitas vezes, o que é dito é permeado de expressões de duplo sentido ou francamente grosseiras.

Ratinho apresenta um bom senso rude, em que não há lugar para nenhuma finura intelectual nem para nenhuma elaboração das idéias. Sobre ecologia, repressão à criminalidade, vida conjugal etc. repete preconceitos e chavões. O cantor brasileiro de pagode Waguiinho, preso por não pagar pensão alimentícia, foi ao programa para defender-se, segundo ele, do que dizia sua ex-mulher. Num dado momento, Ratinho diz para seu auditório que o cantor não poderia ficar como o mau na história, pois um homem não faz um filho sozinho. Deslocou a questão do pagamento da pensão alimentícia para a geração de um bebê e, portanto, tornou a ex-mulher culpada do que aconteceu.

O apresentador mostra indignação contra o sistema político. Considera que os políticos não fazem nada e são, em geral, corruptos. Apresenta-se como alguém que não tem medo, que é franco no falar, que afronta a tudo e a todos, inclusive as leis e as decisões judiciais. Com freqüência, afirma que podem processá-lo porque ele não tem medo. A ONGs são parte do sistema contra o qual se insurge. É o caso das instituições que se dedicam à preservação do meio ambiente e da Sociedade Protetora dos Animais.

O registro lingüístico utilizado é o popular, muitas vezes beirando o chulo. A norma culta é muitas vezes usada com afetação, como que dizendo que se trata de uma linguagem de homossexuais. Tudo é anárquico no programa, de sua decoração a sua condução. O programa recusa a cerimônia e a ritualização das classes mais elevadas. É um texto que não parece pronto, pois as marcas de sua feitura estão nele presentes. É antes um texto *in fieri* do que um texto *factus*. Tudo é apresentado hiperbolicamente, no modo do excesso. A intensidade da voz do apresentador é bem forte. Na verdade, pode-se dizer que ele grita. O andamento do programa é acelerado.

Essas características permitem-nos traçar o *ethos* do apresentador e o *pathos* de seu auditório. O enunciador apresenta um *ethos* masculino, franco no falar, "espaçoso", que não tem medo. Seu enunciatário também é o estereótipo do papel masculino tradicional. Para ele, o mundo não é lugar de conhecimento nem campo de ação ou de

⁹ Camavalesco, que trabalha na montagem do desfile de escolas de samba do Rio de Janeiro.

mudança, mas lugar de diversão com base em estereótipos e preconceitos. Por isso, no programa, não se busca a objetividade ou o distanciamento reflexivo, mas a subjetividade e o envolvimento cúmplice. Suscita o riso preconceituoso e o bom senso grosseiro. Nada há no programa do grotesco regenerador ou da carnavalização, pois não há no que é apresentado nenhuma positividade, mas uma negatividade fundada no escárnio, que busca reiterar os papéis sociais tradicionais.

Já o programa da Hebe Camargo apresenta um enunciador e um enunciatário completamente diferentes. Seu auditório fica sentado, aplaude polidamente, não é formado por moças em pé, urrando como se estivessem em transe. O cenário apresenta padrões de arrumação e de higiene de uma casa de classe média alta. O figurino da apresentadora é luxuosamente ostentatório, com muito brilho e muitas jóias. Tudo apresenta o gosto da “peruice”.

No programa, a apresentadora recebe convidados, como faz qualquer dona de casa, só que os convidados são, de maneira geral, artistas. São cantores, atores, mas podem aparecer também esportistas, decoradores, costureiros. Ela os entrevista, eles debatem um tema e apresentam números musicais. Ao entrevistar os convidados, a apresentadora mostra-se amiga (lembra fatos, fala de pessoas que conheceram, faz alusões a acontecimentos desconhecidos dos telespectadores) e inquisitiva (busca flagrar sua intimidade, como, por exemplo, quando Dado Dolabella contou que, em sua casa, todos andam nus). O que se faz é contar mexericos, fofocas. As celebridades são mostradas como seres humanos normais, em sua rotina doméstica, mas também como seres especiais, que têm um talento inato e que trabalham arduamente para desenvolvê-lo. Com isso, são apresentados como exemplos edificantes de ascensão social, de que o querer é poder, de que o sucesso está ao alcance de todos.

Os números musicais são aqueles do gosto médio. Os temas a serem debatidos dizem respeito à vida individual e familiar (o ciúme, a vida sexual dos casais etc.).

Hebe esbanja bom humor, simpatia, alto astral, calor humano. Sua linguagem é, digamos, a norma culta real. Sua sociabilidade é regida pela cordialidade. Faz largo uso dos diminutivos (lindinho, gostosinho), de superlativos (chiquérrimo, bacanérrimo), de formas linguísticas de intimidade (chama todos os convidados pelo nome, por exemplo), de exclamações e de adjetivos. Elogia muito seus convidados. Faz *merchandising* de produtos de beleza, de culinária, de limpeza. Vale-se de uma retórica do meio termo, que não admite a desmedida: por isso, os problemas são probleminhas; uma pessoa vaidosa é vaidosinha. O Brasil, para ela, é “bárbaro”. Sua grandeza revela-se na música popular, nos esportes, principalmente o futebol, e na sua exuberante natureza. O povo brasileiro é amoroso, leal, trabalhador. Os políticos é que não prestam. Para ela, a política é sujeira. Por isso, manifesta seu desencanto com ela.

O *ethos* da apresentadora é o da mulher de classe média, que festeja e reforça, ao receber convidados em sua casa, a instituição familiar. No entanto, é uma mulher um tanto quanto moderna, que, por exemplo, exprime sua sexualidade (quando recebe um convidado bonito, diz, por exemplo: que homem! que calor!). No entanto, essa expres-

são da sexualidade não é feita agressivamente. Ao contrário, é mostrada como se fosse uma brincadeira, uma travessura. Seu enunciatário é também a mulher de classe média, com um *pathos*, que se compõe da visão de mundo das camadas médias da população e de seus modos de sentir e de reagir.

Tanto o programa do Ratinho quanto o da Hebe Camargo são discursos eficazes, porque o enunciatário reconhece neles seu discurso, já que eles foram criados a partir de uma imagem sua muito bem feita. Adere a um enunciador, em que se vê. Isso explica a longevidade e a audiência desses programas.

Os atores da enunciação, imagens do enunciador e do enunciatário, constituem simulacros do autor e do leitor criados pelo texto. São esses simulacros que determinam todas as escolhas enunciativas, sejam elas conscientes ou inconscientes, que produzem os discursos. Para entender bem o conjunto de opções enunciativas produtoras de um discurso e para compreender sua eficácia é preciso apreender as imagens do enunciador e do enunciatário, com suas paixões e qualidades, criadas discursivamente.

FIORIN, J. L. The *pathos* of the enunciatee. *Alfa*, São Paulo, v.48, n.2, p. 69-78, 2004.

- **ABSTRACT:** *In this paper I assume that the enunciatee is as much of a producer of the discourse as the enunciator, since the latter produces a text according to an image of the former. The enunciatee actually determines the different utterance choices that are consciously or unconsciously present in discourse. Such an image of the enunciatee is an actor rather than an actant of the enunciation. Accordingly, this paper shows then how this implicit reader is constructed and what determines the efficacy of a discourse.*
- **KEYWORDS:** *Enunciator; enunciatee; actor of the enunciation.*

Referências bibliográficas

ASSIS, M. de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1979. v.1.

ARISTÓTELES. *Rhétorique*. Paris: Librairie Générale Française, 1991.

BENVENISTE, E. *Problemas de lingüística geral*. Campinas: Pontes, 1995. 2 t.

CÍCERO, M. T. *De oratore*. Paris: Les Belles Letres, 1972.

FIORIN, J. L. *As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. São Paulo: Ática, 1996.

_____. O ethos do enunciador. In: CORTINA, A.; MARCHEZAN, R. C. (Org.). *Razões e sensibilidades: a semiótica em foco*. Araraquara: FCL-UNESP/Laboratório Editorial. No prelo

GREIMAS, A. J.; COURTES, J. *Sémiotique: dictionnaire raisonné de la théorie du langage*. Paris: Hachette, 1979.